

JENNIFER L. ARMENTROUT

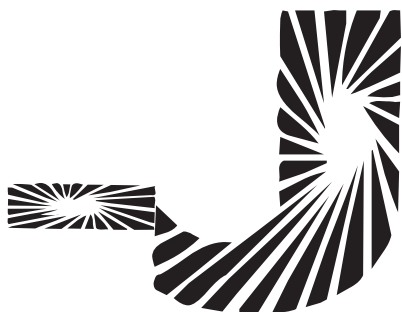
A NOITE MAIS BRILHANTE

O LIVRO DO DESTINO

Tradução
Bruna Hartstein


valentina

Rio de Janeiro, 2023
1ª edição



ason Dasher.

Escutei o nome ecoar
pela sala, os olhos fixos
nos cacos de vidro da
garrafa que o general

Eaton havia jogado.

Eu estava absolutamente pasma, enraizada no lugar, observando o líquido amarelado escorrer por cima dos papéis espalhados pelo chão, correspondência antiga de uma época em que Houston era uma cidade movimentada. Uma propaganda colorida para uma nova loja de móveis prestes a abrir no centro da cidade. Um pacote azul de cupons ainda fechado. Envelopes brancos com a palavra *urgente* impressa em letras vermelhas. Reminiscências de uma vida deixada para trás por quem quer que tivesse morado ali antes do lançamento das bombas de pulso eletromagnético, que haviam tornado a cidade habitável somente para aqueles desesperados o bastante para permanecerem escondidos numa zona morta.

Será que os proprietários haviam escapado ou morrido em meio ao caos que se instaurara após o lançamento das bombas, tal como centenas de milhares?

E por que eu estava pensando nisso? A correspondência de alguém não era algo com a qual eu devesse me preocupar no momento. Era como se meu cérebro tivesse dado um curto ao escutar o nome *dele*.

Sargento Jason Dasher.

O público em geral ouvira falar dele como um herói morto em batalha, um ícone patriota perdido para a guerra enquanto tentava proteger a humanidade dos Luxen invasores. Eu costumava ser uma dessas pessoas, mas

descobrira a verdade. Dasher era um homem cruel, responsável por experimentos pavorosos tanto em humanos quanto em alienígenas, tudo em nome de um “bem maior”.

Mas ele era um homem cruel e supostamente morto.

Nada além de um fantasma do qual não conseguia me lembrar, assassinado pela própria mulher. A mesma mulher que acreditara ser minha mãe até descobrir que eu não era realmente Evelyn Dasher, e sim uma garota chamada Nadia Holliday. O que havia acontecido mais ou menos na mesma época em que descobri que essa querida mamãe era, na verdade, uma Luxen.

Sylvia havia se casado com o homem responsável por forçar a gravidez entre Luxen e humanos, por coagir mutações indesejadas, por sequestros e assassinatos, e por subjugar a espécie dela. E não só isso, ela havia trabalhado para a instituição responsável por todas essas coisas.

O Daedalus.

Um braço secreto do Departamento de Defesa que fora inicialmente criado para ajudar na assimilação dos Luxen pela população humana, muito antes de o público sequer saber da existência de alienígenas. Eles haviam estudado a fisiologia singular desses seres que não só os tornava imunes a toda e qualquer doença humana, como também lhes permitia curar uma enorme variedade de ferimentos físicos sofridos pelo homem. O Daedalus almejava usar esse conhecimento para melhorar a vida de milhões, mas tudo tinha ido pelo ralo num piscar de olhos.

Eu ainda não tinha ideia de como aceitar quaisquer dessas coisas. Achava que jamais conseguiria, porém o fato de que tinha sido ela quem o matara havia ajudado.

Um pouco.

Ela havia atirado no Dasher ao vê-lo tentar renegar o acordo — a barganha que havia salvado a minha vida e, ao mesmo tempo, a roubado de mim. O soro Andrômeda tinha curado o câncer que estava me matando, mas também destruíra as lembranças de quem eu costumava ser.

E tinha me transformado numa... bom, uma criatura batizada como Troiana. Algo que não podia ser classificado como um simples ser humano.

No momento, esse pequeno fato estava sendo ofuscado pela última notícia do tipo *você só pode estar de brincadeira*.

Jason Dasher estava vivo.

Uma dor surda explodiu no fundo do meu estômago. Balancei a cabeça em negação, tentando acompanhar a lógica que me dizia que o Eaton não era o tipo de pessoa que gostava de pregar peças, mas meu cérebro estava em

curto com tudo o que havia acontecido. E, santo drama lhama, *muita* coisa tinha acontecido nos últimos dois meses.

Jason Dasher estava vivo, e essa não era sequer a pior parte. Eu tinha sido programada para responder a ele como se não passasse de um robô codificado para atender aos comandos de alguém. Um homem morto que agora estava vivo. Um monstro que podia assumir o controle do meu corpo a qualquer momento.

— Impossível — rosnou baixinho uma voz.

Com o coração batendo pesadamente, olhei para a direita. Ele estava parado ao meu lado, não apenas qualquer Original — um filho de um Luxen com uma híbrida —, mas um mais poderoso do que o mais poderoso dos Luxen.

Luc.

Ele tinha um sobrenome agora, que havia escolhido deliberadamente após eu argumentar que só porque o Daedalus não lhe dera um não significava que não pudesse ter. E escolhera King, ou seja Rei, porque, é claro, estávamos falando do Luc, mas *Luc King* soava bem, parecia certo. Eu ficara feliz por ele ter feito isso. A ausência de um sobrenome era uma das muitas maneiras que o Daedalus havia usado para se certificar de que suas criações se lembrassem de que eram simples *coisas*, e não seres vivos capazes de pensar, sentir e desejar como todos os demais.

O sobrenome o tornava mais humano, embora no momento ele não parecesse nem um pouco com um.

Não com aqueles olhos da cor de ametistas e as pupilas cintilando feito diamantes. Um brilho branco envolvia seu corpo delgado. As maçãs do rosto pareciam mais proeminentes, e suaves linhas de tensão emolduravam os lábios cheios.

Aquele brilho era a Fonte, uma forma de energia pura presente no cerne de todos os Luxen, que os tornava perigosos e, ao mesmo tempo, fascinantes. Aquele poder de tirar o fôlego podia restaurar a vida ou roubá-la num milésimo de segundo.

Mais vezes do que gostaria de admitir, eu me pegara observando-o com estupefata fascinação, tentando entender o que havia nas linhas e ângulos daquele rosto ou no modo como os traços se encaixavam que o tornava tão atraente. Todo mundo ficava meio em transe ao vê-lo pela primeira vez, de modo que não me sentia completamente fútil. Homem. Mulher. Jovem. Velho. Com ou sem interesse sexual. Todos eram afetados de alguma forma,

e, nesse momento, em que ele não estava tentando esconder quem era de verdade, havia certa selvageria em sua beleza, algo feroz e primitivo.

Luc era tão letal quanto magnífico, e eu o amava — estava apaixonada por ele, e sabia lá no fundo que me sentira assim quando era a Nadia. Tudo nele combinava comigo perfeitamente, e o que eu sentia agora não tinha nada a ver com sua aparência ou com emoções residuais de uma vida diferente. Eu o amava por *ele*. O amor desabrochava com suas cantadas terríveis e bregas e com os presentinhos idiotas que na verdade não eram presentes. Crescera a cada vez que ele me fitava como se eu fosse o ser mais precioso e venerado de todo o universo. E se consolidara com sua paciência inesgotável oferecida de maneira altruísta. Luc estava sempre lá para me apoiar, sempre estivera, sem esperar que eu sentisse nada por ele em troca. E foi assim que me apaixonei de novo, ao perceber que mesmo acreditando no fundo do coração que eu jamais retornaria para seus braços, Luc continuara me amando.

Até conhecê-lo, eu nem imaginava que pudesse existir um amor tão profundo e infinito, o que era ao mesmo tempo fantástico e aterrorizante. A simples ideia de perdê-lo...

Sentindo um calafrio de cima a baixo, lembrei-me de que muito poucas coisas no mundo podiam levar a melhor num confronto com o Luc. Eu tinha visto em primeira mão o que ele era capaz de fazer. Transformar tanto humanos quanto Luxen num punhado de cinzas com um simples toque. Arremessar pessoas como se fossem frisbees com um mero brandir da mão. Humano ou não, o que todos sentiam por ele não era apenas medo de sua força. As pessoas o respeitavam. Luc não era o alfa. Era o ômega, e eu não duvidava nem por um segundo de que um dos únicos motivos para o mundo ainda não estar sob o jugo do Daedalus era porque ele havia se virado contra seus criadores.

E agora um deles estava, de alguma forma, vivo — o que havia se certificado de que minha vida como Nadia, minha vida com o Luc, tivesse um fim.

— Eu vi. — A voz do Original soou grossa, transbordando com o poder absoluto que fervilhava dentro dele. — Vi com meus próprios e perfeitos olhos. Sylvia atirou no Jason Dasher.

— Tal como você acreditou que o Daedalus tivesse sido completamente destruído? — rebateu o general, virando-se para nós. Ele era um homem maduro, por volta dos sessenta, com cabelos grisalhos cortados rente à cabeça e um rosto cheio de linhas de experiência. Um homem que passara a vida servindo ao seu país e que deveria estar aproveitando uma merecida aposentadoria em algum lugar como o Arizona ou a Flórida. Em vez disso,

ele estava aqui, numa área agora conhecida como Zona 3, escondido entre humanos que o governo decidira que não valiam a pena ser evacuados, Luxen sem registro, humanos transformados por Luxen, também conhecidos como híbridos, e Originais que tinham conseguido escapar do Daedalus. — Que o desmantelamento do Projeto Original tivesse acabado com eles? — continuou ele, referindo-se ao programa responsável pela criação dos Originais.

Luc ficou imóvel, e meus pelos se arrepiaram.

— Você acha que eu sou idiota?

O general trincou o maxilar.

— Ou ingênuo? — A voz do Luc soou macia, assustadoramente suave, e, ao falar de novo, rezei para que o Eaton respondesse, e fizesse isso com sabedoria. — E aí, acha?

— Não — retorquiu Eaton. — Não acho que você seja nenhuma dessas coisas.

— Bom saber. Odiaria ter que fazê-lo mudar de ideia. — Luc tinha dado uns dois ou três passos, e eu sequer o vira se mover. — Nunca acreditei que eles tivessem sido completamente destruídos, nem que seus objetivos fossem morrer com eles. Os humanos irão sempre tentar se manter no topo da cadeia alimentar, e jamais desistirão de buscar mais poder.

O modo como o Luc disse *humanos* deixou claro que mesmo que a mãe que ele jamais conhecera tivesse sido humana, ele não se via como um, e o sobrenome não mudara isso.

A dor em meu estômago pulsou ao ouvi-lo dizer:

— Mas todas as bases que encontrei não passam de cinzas agora, assim como um bom número de dirigentes do Daedalus. Eu percebi que eles continuavam operantes quando aquela garota que frequentava a mesma escola que a Evie fez algo impossível e a gente encontrou os soros na casa dela.

Ele estava falando da April Collins, uma ex-amiga que virara inimiga e que odiava tanto os Luxen a ponto de reunir e convencer um bando de colegas imbecis a fazer protestos diários na escola. A ironia disso tudo era que a April sequer era humana.

Ela era como eu.

Uma Troiana.

Seu ódio tinha sido orquestrado pelo Daedalus com a intenção de incutir medo e desconfiança dos Luxen na população humana.

E quando ela fora acidentalmente exposta por mim e pela Heidi, April quase matara minha amiga enfiando a mão *inteira* no peito dela.

Luc e eu havíamos encontrado um punhado de soros na casa dela, mas não sabíamos para o que eles serviam e os tínhamos perdido quando a boate dele fora destruída. Os soros, porém, não eram a única coisa que a gente tinha encontrado na casa. Tínhamos nos deparado com uma mulher que presumíamos ser seu contato, a qual eu matara com um... tiro na cabeça, como se já tivesse feito algo assim antes.

Até onde eu sabia, podia já ter feito inúmeras vezes e simplesmente não lembrava.

— O Daedalus não só sobreviveu, como ficou mais forte e mais inteligente — declarou Eaton.

— Mas isso não explica como um homem morto pode estar vivo agora — retrucou Luc.

Excelente argumento. Mal podia esperar para ouvir a explicação, mas de repente me senti... *estranha*. Elettrizada. Como se tivesse tomado três daqueles expressos que a Zoe tanto adorava. Só podia ser porque eu estava faminta e acostumada a já ter ingerido uma quantidade de doces equivalente a três colheres de sobremesa de açúcar a essa hora do dia. Tentei colocar a estranha inquietação de lado e me concentrar.

— Você viu o Dasher morrer, Luc? — perguntou Eaton, os ombros encurvados e o rosto enrugado ostentando uma expressão cansada. — Não. Tudo o que viu foi que ele levou um tiro e começou a sangrar.

— Ele tomou um tiro no peito. — Luc crispou as mãos. — Ele caiu e não se levantou mais. Foi um ferimento fatal.

— Mas você ficou por perto para se certificar? — Eaton se sentou, fazendo o couro gasto do sofá enrugar. Ele, então, esticou as pernas compridas e fitou o Luc com um olhar desafiador.

O Original ficou em silêncio por um longo tempo, o poder crepitando à sua volta, tornando o ar mais denso.

— Eu queria destruí-lo por completo, apagá-lo da face da Terra, mas não pude. — Luc abaixou o queixo e inclinou a cabeça ligeiramente de lado. — Jason entrou em contato com os membros da Força Tarefa Alienígena assim que cheguei. Os oficiais estavam a caminho. Eu temia que minha presença pudesse... — Ele deixou a frase no ar. As veias sob sua pele emitiam um brilho tão branco quanto o das pupilas.

— Você temia que se permanecesse, sua presença pudesse colocá-la em risco. — O general apontou com a cabeça para mim.

Nós fomos feitos um para o outro.

Era o que o Eaton nos dissera. Que o Daedalus tinha planejado nosso primeiro encontro, quando eu ainda era a Nadia. Que eles esperavam que o Luc criasse algum tipo de vínculo com ela — *comigo* —, e por meio desse vínculo conseguissem controlá-lo.

Tal como tinham tentado com o Dawson e a Beth, o Daemon e a Kat, e, provavelmente, muitos outros.

Se fosse verdade, fazia sentido que eles tivessem antecipado que o Luc faria qualquer coisa para me manter segura. Mesmo que isso significasse assumir o risco de partir antes de se certificar de que o Jason Dasher estivesse realmente morto.

Luc jamais faria nada que pudesse me ferir. Essa era a única coisa no mundo da qual eu tinha certeza. Ele arrancaria célula por célula do próprio corpo antes de deixar que alguém tocasse num único fio do meu cabelo.

Mas eu...

Ó céus.

O súbito insight me açoitou como uma lufada de vento gelado. Quase engasguei com minha própria respiração. Eu podia machucar o Luc. Seriamente. Na verdade, já tinha. Se ele não tivesse conseguido me deter, me *trazer de volta* quando eu me transformara numa Troiana psicopata e dizimara os Filhos da Liberdade, um grupo reativado para acabar com os Troianos antes que fosse tarde demais, eu teria matado o Daemon.

E o teria matado também, o homem que eu amava com cada fibra do meu ser.

Naquela mata, porém, ele não era o garoto que eu amara antes ou o homem que amava agora. Naquele momento, Luc se tornara um simples desafio — uma ameaça que a parte alienígena em mim havia reconhecido e sido treinada para eliminar. Eu...

Eu havia arrancado tiras de pele de sua carne com um simples *pensamento*.

Enjoada, fechei os olhos com força, o que não ajudou em nada a bloquear as imagens do Luc caído de joelhos enquanto a pele era arrancada, implorando para que eu me lembrasse quem ele era.

Até então, eu acreditava do fundo do coração que se me transformasse naquele ser que surgira na mata do lado de fora de nosso esconderijo, Luc seria capaz de me deter. Ele encontraria um jeito de me fazer voltar a *mim* antes que eu machucasse alguém. Só que a gente não sabia de um detalhe importante.

Que eu tinha sido *programada* para responder ao Jason Dasher.

Tinha uma ideia do que isso significava graças à reação da April após ela usar a Onda Cassiopeia, um aparelho que havia despertado qualquer que fosse o treinamento ao qual eu fora submetida. April esperava que eu a acompanhasse sem questionar, que retornasse para *ele*, um homem na época sem nome, mas que agora sabia tratar-se do Jason Dasher.

Meu coração começou a martelar contra as costelas ao sentir o pânico brotar como erva daninha. E se ele ou outro Troiano usasse a Onda Cassiopeia de novo? Ou se o que tinha acontecido naquela mata acontecesse novamente?

E se o Luc não conseguisse me trazer de volta da próxima vez?

Eu me transformaria num minion sem vontade própria, e não estava falando daqueles amarelos fofinhos do filme de animação.

Uma risada brotou em meu âmag, mas ficou presa na garganta, ameaçando me sufocar. O que provavelmente era uma boa coisa, porque era o tipo de risada assustadora que terminava em lágrimas ou sangue.

Jason Dasher podia roubar tudo de mim novamente. Minhas memórias. Autoconsciência. Livre-arbítrio. Autonomia. Meus amigos. Luc.

A simples ideia de perder a mim mesma mais uma vez abriu uma espécie de comporta dentro de mim e liberou um fluxo tumultuado de emoções. Um ciclone de medo e raiva foi desencadeado, inundando cada célula do meu corpo.

Eu destruiria a mim mesma antes de permitir que tudo me fosse roubado novamente.

Jamais.

Meus olhos se voltaram para o Luc. A energia crepitou no ar, chiando e espocando. Luc havia captado meus pensamentos, algo que me irritava imensamente, embora nem sempre ele conseguisse evitar. Segundo ele, meus pensamentos eram frequentemente... altos.

— Você jamais precisará fazer essa escolha — jurou ele. A onda de poder que emanava de seu corpo pulsou vigorosamente e, em seguida, diminuiu até o brilho que o envolvia desaparecer por completo. O ar na sala ficou mais leve, mais fácil de respirar. — Ele nunca vai te controlar. Ninguém vai.

Mas eu tinha perdido o controle de mim mesma na mata, quando atacara o Daemon e ele. Aquela nem era eu...

— Não importa. — De repente, Luc estava diante de mim, as mãos quentes envolvendo meu rosto. Pele contra pele. Como sempre, o contato desencadeou uma descarga de eletricidade que correu por minha pele e minhas veias. O brilho das pupilas retrocedeu até elas voltarem ao normal. Bom, normal para o Luc. As linhas pretas irregulares em torno das íris, assim

como as pupilas, tornaram-se novamente visíveis. — Aquela era você na mata, sim. Só uma outra parte sua com a qual eu ainda não fiz amizade, mas farei.

— Não sei, não. — O poder que havia em mim, a Fonte deturpada por todos os soros e DNAs alienígenas, não faria amizade com nada além de um texugo-do-mel.

— Texugos são criaturas extremamente inteligentes, sabia?

— *Luc.*

Ele abriu um sorriso meio de lado.

— Para ser honesto, acho que a sua parte texugo achou que eu fosse um manjar dos deuses.

Soltei uma risada estrangulada.

— Manjar dos deuses?

— Não é isso que a garotada diz quando algo é muito gostoso?

— Talvez no século passado.

— Podia jurar que tinha ouvido alguém usar essa expressão recentemente. — O Original abaixou a cabeça, parando quando a ponta do nariz roçou a minha. — Não estou preocupado, Pesseguinto.

Pesseguinto.

No começo, tinha achado esse apelido um tanto estranho, mas agora? Escutá-lo usar esse termo fazia meu coração apertar de uma maneira maravilhosa.

Genuinamente curiosa e incrédula, perguntei:

— Como não?

— Porque tenho fé.

Olhei para ele.

— Em mim. — Ele inclinou a cabeça ligeiramente de lado, e senti sua bochecha encostar na minha, repuxando-se num grande sorriso. Ao inspirar, fui invadida por um perfume de pinho e ar fresco, típico do *Luc*. — E tenho fé em você. Na gente. Você não vai se transformar numa minion sem vontade própria. — Seguiu-se uma pausa. — A menos que seja no Halloween.

Ele estava se referindo à minha última fantasia.

— Achei que tinha dito que eu parecia o Garibaldi.

— Um Garibaldi sexy — corrigiu *Luc*. Franzi o nariz. Ele deslizou uma das mãos pelas minhas costas e entremeou os dedos no meu cabelo, guiando gentilmente minha cabeça até nossos olhos se encontrarem. — Você é a Evie. Não vai perder o controle. Não vou permitir. Você não vai permitir. E sabe por quê?

— Por quê? — murmurei.

— Porque a gente não chegou até aqui, sobrevivendo a tudo o que sobrevivemos, apenas para nos perdermos novamente — respondeu ele. — Você não vai permitir que isso aconteça. Sei que não, mas se não acredita nisso ainda, acredite em mim. Que tal?

A emoção que me invadiu foi tão forte que pisquei, sentindo os olhos úmidos. Suas palavras partiram meu coração e, ao mesmo tempo, abrandaram o golpe. Assenti com um menear de cabeça, e parte do pânico se esvaiu.

Luc apoiou a testa na minha e a manteve assim por alguns segundos. O simples gesto de conforto eliminou o restante do pânico.

— Juntos — murmurou ele. — Estamos nisso juntos.

Inspirei de maneira trêmula, mas o ar pareceu limpo.

— Juntos.

Luc ergueu a cabeça e se afastou, parando rapidamente para depositar um beijo em minha têmpora. Ele soltou meu cabelo, mas manteve a mão apoiada na base das minhas costas.

— Achei que os dois tinham esquecido que eu estava aqui — observou Eaton de modo seco. No entanto, quando olhei para ele, percebi que sua expressão tinha se abrandado. — O Daedalus ainda não levou isso em consideração.

— Não levou em consideração o quê? — perguntou Luc.

— O amor. — A palavra foi dita com uma leve risadinha. O general, então, se recostou no sofá. — Não importa o que eles façam, eles nunca levam o amor em consideração. É como se nenhum deles jamais tivesse experimentado esse poder.

— E você já? — perguntei. Não sabia muita coisa sobre o homem.

— Ele já. — O Original deslizou a mão gentilmente pelas minhas costas. — Ele foi casado. E teve um filho.

Tive um pressentimento de que essa história não terminava com um final feliz.

O sorriso do general mais pareceu uma careta.

— Por que não fico surpreso por você saber, ainda que nunca tenha contado nada sobre a Amy e o Brent para o Daemon ou o Archer?

Luc correu a mão novamente pelas minhas costas, mas não respondeu. Não precisava.

Parecendo não precisar mesmo de resposta, o general fixou seus olhos embaçados em mim. Tive certeza de que, quando ele era mais jovem, aqueles olhos azuis eram tão brilhantes quanto o céu no verão.

— Sylvia o curou.

Luc soltou um palavrão.

Eu já suspeitava, mas ouvi-lo confirmar fez meu estômago se retorcer em nós. Sylvia... ó céus... ela sempre seria a minha mãe, não importa o que tivesse feito. Não conseguia mudar o modo como a via ou o que pensava a respeito dela, mas ela havia mentido demais, mentiras que escondiam fatos terríveis e verdades pavorosas.

Ela havia sido tão convincente ao me contar no que meu “pai” e o Daedalus estavam envolvidos — tão convincente, tão visivelmente horro-rizada pelo modo como o Daedalus começara a explorar os Luxen em seu desejo de usar o DNA alienígena para criar armas de destruição e pelo que o Dasher havia tentado fazer com o Luc.

Como ela podia ter mentido tão descaradamente? Convencer a mim não fora um feito digno de uma medalha olímpica, visto que na época eu não tinha como desconfiar de nada, mas mentir na minha cara desse jeito?

— Eu dei uma espiada nos pensamentos deles, mas não captei nada.
— A voz do Luc vibrava de ódio. — Sei que eles estavam com os escudos levantados, a mente focada em coisas bobas, mas seria possível conseguirem bloquear uma coisa dessas? — Ele balançou a cabeça, fazendo algumas mechas acobreadas caírem sobre sua testa. — Eu devia saber que tinha alguma coisa acontecendo por trás.

— Não é sempre que você confronta alguém que sabe exatamente como se proteger da habilidade dos Originais em ler mentes — argumentou Eaton.
— Os dois sabiam como contornar esse poder porque estavam envolvidos na criação dos Originais. Não foi uma falha da sua parte.

Com o coração martelando contra as costelas, abri a boca para dizer ao Luc que realmente não tinha sido culpa dele. Lembrei de quando a April atacara a Heidi. Num piscar de olhos, eu tinha visto a Emery aconchegar a Heidi de encontro a si e abandonar sua forma humana em prol da verdadeira, uma linda luz com contornos humanos, tão intensa que chegou a machucar meus olhos. Mesmo que a Emery não fosse tão habilidosa quanto outros Luxen no que dizia respeito à capacidade de curar, ela havia salvado a vida da namorada simplesmente posicionando as mãos sobre ela e invocando a Fonte.

Não era inteligente se meter entre um Luxen e a pessoa que ele ou ela amava, não importava o motivo.

Foi o que o Luc me disse quando a Emery tomou a Heidi nos braços e, realmente, em poucas horas não restara nada além de uma leve cicatriz no

lugar onde a April *atravessara* minha amiga com a mão, arrebetando pele, músculos e órgãos.

Assim sendo, ou minha mãe era muito boa no dom da cura ou ela ainda amava aquele homem.

O mundo pareceu desaparecer sob meus pés. Enjoada, como se estivesse prestes a vomitar o chão todo da sala, recuei um passo. Precisava me distanciar das palavras do Eaton — de quaisquer novas provas de que eu jamais conhecera minha mãe e que nunca saberia se qualquer coisa a respeito dela tinha sido verdade.

Porque ela também se fora, levando consigo todas as suas mentiras e verdades, se é que havia alguma.

Luc deteve meu recuo, sua mão quente uma presença reconfortante no meio das minhas costas. Ele apenas a manteve ali, sem tentar me segurar, mas mesmo que a tirasse, eu já não sairia quicando da sala como uma bola de borracha.

Negação era um luxo ao qual não podia mais me entregar.

Precisava lidar com isso, independentemente do quanto doesse perceber que tudo a respeito dela tinha sido mentira. Tudo bem, ela talvez tivesse mudado de ideia depois que eu voltara para sua companhia sem nenhuma lembrança de ter sido a Nadia ou do treinamento que obviamente recebera. Isso podia até ser verdade — ser *real*. Ela havia morrido se certificando de que eu escapasse antes que o Daedalus conseguisse me capturar. No entanto, nada disso mudava o que minha mãe fizera, e eu precisava encarar a realidade.

Precisava lidar com isso.

Engolindo em seco, ergui o queixo e empertiguei os ombros. Eu podia encarar essa situação. Já tinha lidado com tanta coisa — coisas que fariam a maioria das pessoas se encolher no canto mais próximo e ficar olhando para o vazio. Tinha aceitado o fato de que existira uma verdadeira Evie Dasher que havia morrido num acidente de carro. De que meu nome de batismo era Nadia Holliday, e que eu não era nem ela nem Evie, mas sim uma mistura de ambas e, ao mesmo tempo, alguém completamente diferente. Encarara a verdade de que a Sylvia e o Jason Dasher não eram meus pais biológicos. Sobrevivera ao ataque de um Original com uma obsessão raivosa pelo Luc. Deparara-me com corpos de colegas, além do fato de ter sido eu — uma assassina treinada não muito ciente do que estava fazendo, o que não vinha ao caso — quem havia matado a April. E agora, além de lidar com a descoberta de que era capaz de provocar grandes estragos, tinha que digerir a

nova informação de que havia alguém lá fora que podia assumir o controle do meu corpo.

Sem dúvida eu tinha uma bagagem bem complicada, uma quantidade considerável de memórias faltando, e era provavelmente uma híbrida alienígena psicopata que poderia ou não surtar completamente um dia e sair atacando todo mundo, mas continuava aqui. Continuava em pé sobre meus próprios pés.

Luc abaixou a cabeça e cochichou no meu ouvido:

— É porque você é foda.

— Para de ler a minha mente — rebati, e ele ergueu a cabeça novamente, piscando. Soltei um suspiro. — Mas obrigada — acrescentei. Eu realmente precisava ser lembrada desse fato.

Luc abriu um meio sorriso ao escutar, um segundo depois, meu estômago roncar. As barrinhas de cereais que tínhamos comido a caminho da reunião com certeza não tinham sido suficientes.

Sentindo as bochechas queimarem, desviei os olhos. Só *eu* para estar com fome depois de escutar uma notícia tão traumática.

— Será que ela... Você acha que ela ainda amava o Dasher?

— Isso eu não sei responder. — Eaton correu o polegar pelo queixo.

— Nem sempre um Luxen precisa amar a pessoa que ele está curando. — A mão do Luc se fechou nas costas da minha camiseta. — Alguns são simplesmente excepcionais nisso. Sylvia talvez tenha sido, ou talvez estivesse sendo propriamente motivada, uma arte que o Daedalus dominava com maestria. Amar alguém significa apenas que a chance de sucesso é maior, em especial para aqueles que não são muito adeptos ou que não têm experiência.

— E também significa uma maior probabilidade de a mutação ocorrer sem matar o humano no processo — acrescentou o general. — Essa é a parte que o Daedalus nunca entendeu. A ciência vai só até certo ponto. Existe um grau de misticismo no processo que nunca foi completamente explicado ou entendido.

Pressionei os lábios e apertei os olhos por um breve instante. E se ela o tivesse amado?

— Talvez tenha, Evie. — A voz do Luc soou baixa. — Ou talvez ela sentisse mais ódio do que amor. Emoções são complicadas. — Seus olhos perscrutaram os meus. — Mas...

— Não importa. — Eaton recostou a cabeça na parede nua que outrora fora de um amarelo amanteigado.

Luc fuzilou o general com os olhos.

— Tem razão. Não importa. — Essa era a verdade, que me atropelou com a velocidade de um trem de carga desgovernado. Havia coisas mais importantes... que importavam para o aqui e agora. Apertando meu estômago, que não parava de roncar, ponderei sobre a única coisa que podia tornar essa situação ainda pior. — Você acha que ela... — Engoli em seco e tentei de novo. — Você acha que o Dasher sofreu alguma mutação?